

Cobertor casal
JOLITEX

à vista
R\$ 99,00

3357-4538 - Rua Dr. Getúlio Vargas, 59
Em frente à Caixa Econômica Federal

Perfiltech
Informática

Rua 15 de Novembro, 149 - Centro - Ibirama/SC

47 3357 5052
perfiltech@perfiltech.com.br

Soluções em:
Linux/Windows;
Impressoras;
Servidores;
Periféricos;
Notebooks;
Redes;

Oferta válida para

R\$ 6,49



Alcatra de 3357-2150
bovino kg



R\$ 10,99

JVN

Ibirama - Presidente Getúlio - Witmarsum
Dona Emma - Vitor Meireles - José Boiteux

48 Anos

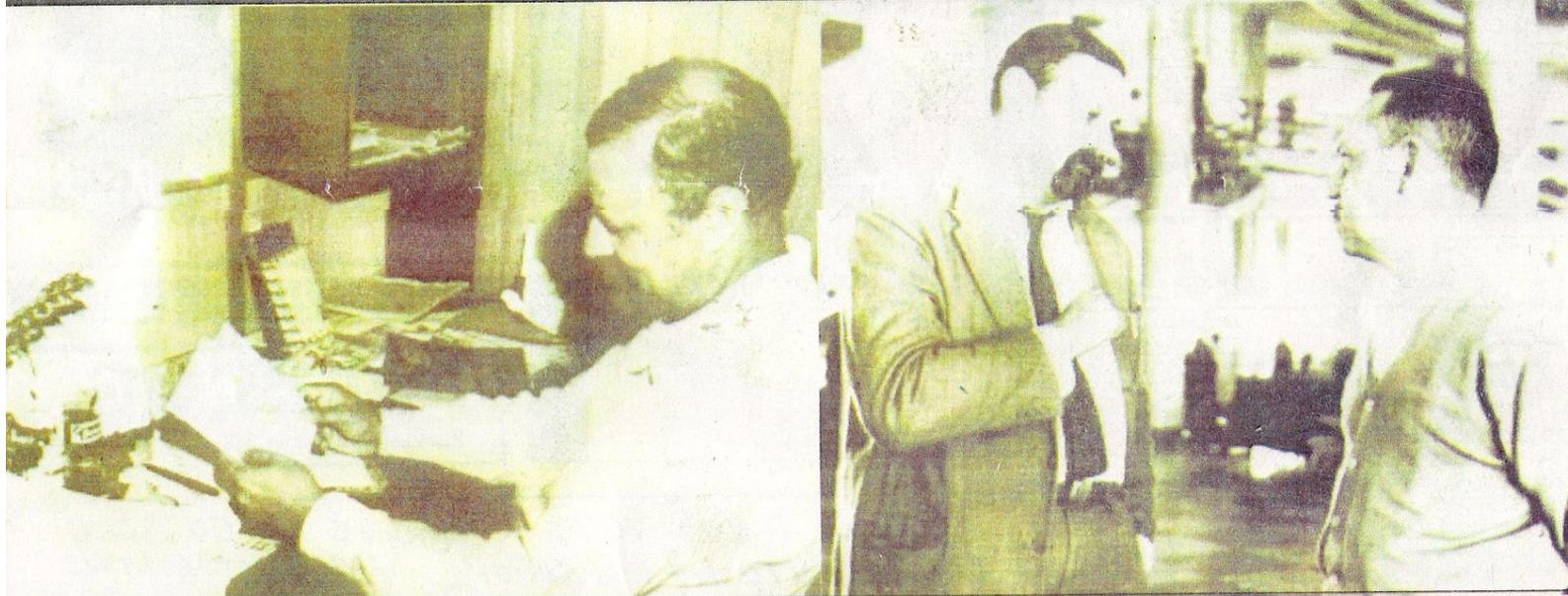
Jornal Vale do Norte

Ano 48 - Nº 1.549 - 10 a 16 de Abril de 2010 - R\$ 1,50

ESPECIAL

Páginas 8 e 9

Em busca da história de Alexander Lenard



PM prende assaltantes em Rio do Sul **Página 3**

Audiência pública em Ibirama apresenta Plano

Diretor de Recursos Hídricos **Página 4**

Ouvidoria realiza reunião na SDR **Página 6**

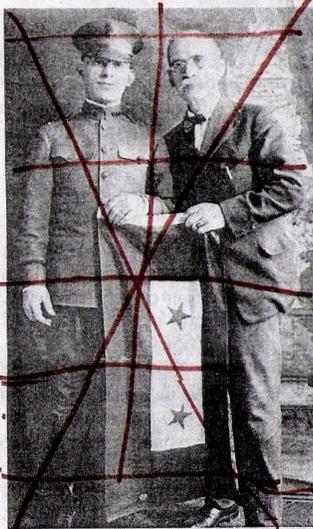
Acidente grave termina em óbito **Página 13**

Em busca da memória de Alexander Lenard

O Museu de Literatura Petöfi em Budapeste, lembrou, no último mês, o centenário de nascimento do escritor húngaro Alexander Lenard (09/03/1910-13/04/1972), que viveu a última parte de sua vida no Brasil. Seu túmulo encontra-se em Dona Emma. A viúva Andrietta Lenard e o filho Giovanni Sebastian vivem até hoje em São Paulo. Alexander era um especialista em Bach. Nos anos 50 foi uma grande celebridade em um programa de auditório da época, chamado "O céu e o limite". Com o dinheiro que ganhou no programa, comprou uma farmácia em Santa Catarina (Dona Emma), onde trabalhou como médico. Além de publicar livros em húngaro, alemão, italiano e inglês, ficou famoso com a tradução do Ursinho Puff em latim.

Bertholdo Bachmann, morador de Dona Emma, está em busca do resgate da história de Lenard. Para isso, está atrás de apoio da sociedade, do poder público e da família de Lenard, a fim de que seu passado não caia no esquecimento. Em breve, Bachmann espera reunir pessoas interessadas para formar uma entidade que possa tratar do assunto.

Lenard: Cidadão do Mundo e de Dona Emma



"Dona Emma, quatro mil habitantes, plantada num vale, permanentemente sombreado por imponentes árvores copadas, garantiu seu direito de ingressar nos mapas cartográficos em junho de 1956, quando um fazendeiro do lugar, de longos bigodes e aspecto singularmente excêntrico, tido pelos vizinhos como homem de costumes secretos e até misteriosos, ganhou as manchetes do Rio e São Paulo, depois de inequívocas demonstrações de uma inesgotável cultura musical. Ele respondeu sobre a vida e obra de Johann Sebastian Bach no programa O Céu é o Limite, na Rede Tupi, o maior íbopo da época.

Alexander Lenard, o fazendeiro, era antes de tudo um tímido, e uma figura humana despida de qualquer vaidade, para ele um sentimento subalterno. Até a sua morte, viveu em contato com a natureza, isolado voluntariamente no seu paraíso particular, ao lado da mulher, convivendo com suas pesquisas irrompidas ao sabor de seu gênio superior.

Quando morreu, apenas alguns de seus vizinhos e as poucas pessoas que tiveram o privilégio de conhecer Lenard na intimidade conduziram-no ao repouso eterno, entre as sombras de árvores queridas. Até na morte foi humilde e discreto.

Um dos traços mais característicos da sua personalidade era uma alentada aversão ao exibicionismo."

Alexander Lenard possuía uma cultura ciclópica: musicólogo e poliglota, o fazendeiro de Dona Emma era na verdade um cidadão do mundo. Involuntariamente, acabou best-seller mundial, editando em 1958 a versão latina de um clássico infantil: O Ursinho Winnie.

Na verdade, para Lenard, o mundo estava perdido. Como Ernest Hemingway, tinha adoração pela natureza e amava a paisagem bucólica do seu vale. Andrietta Lenard, sua esposa, acompanhou-o sempre com o mesmo desvelo e amor que a valorosa Mary dedicara ao "papa" Hemingway.

Sua história brasileira começa em 1952, quando desembarcou no Rio de Janeiro, a bordo de um cargueiro. A guerra – uma experiência que o apavorava e da qual participara como guerrilheiro da Resistência italiana – era um espectro ainda vivo na sua epopeia de retirante. Médico, formado por uma das maiores universidades da Europa, a de Viena; poeta, elogiado por Thomas Mann e Hermann Hesse; musicólogo, com notáveis e profundos conhecimentos sobre a vida e a obra de Bach, o escritor acreditava na ressurreição do latim, língua que dominava, além do húngaro, inglês, francês, dinamarquês sueco e alemão. Mas foi falando português que chegou a Dona Emma, com a mulher e o filho Sebastian, homônimo do gênio musical que idolatrava.

Era também uma personalidade arredia, esquivando-se, sempre que possível, de falar das múltiplas atividades. Tinha verdadeira fobia do barulho e do superpovoamento dos grandes centros.

O poliglota chegou a corrigir inúmeras palavras de um dicionário latino, elaborado pelo Monsenhor Antonio Bacci, correspondente de latim do Papa Pio XII. Como poeta, ganhou elogios de Thomas Mann (A morte em Veneza) e Hermann Hesse (O lobo da Estepe) por seus poemas



Homenagens à Lenard em sua terra natal, Budapest

Andrietta e Entre os Espectros e as Utopias. Como médico modificou antigas verdades da medicina, descobrindo analogia entre o vírus da hepatite e da poliomielite.

O único mal para o qual parecia não conhecer antídoto era o da autodestruição dos homens. Vindo da guerra, 20 anos depois, já acreditava na inevitabilidade da III Guerra Mundial. Dona Emma era seu refúgio, antessala do Éden. O Vale era antípoda dos campos de morte e destruição.



As histórias de Pooh foram traduzidas em vários idiomas, incluindo a tradução em latim de Alexander Lenard, Winnie ille Pu, que foi publicada pela primeira vez em 1958, e, em 1960, tornou-se o único livro em latim que figurou na lista de livros mais vendidos do New York Times.

A vida

Alexander Lenard nasceu em Budapeste, Hungria, em 1910. Aos 8 anos mudou-se para Viena. Formou-se em medicina em Viena e de 1938 a 1952 residiu em Roma, exercendo a profissão. Em 1942 encontrou-se com Andrietta Arbório de Gattinara, natural de Milão, que estudava filosofia em Roma e com quem se casou. Após a guerra, publicou várias obras de divulgação médica e cinco volumes de poesia em língua alemã. Terminada a guerra, procurou novamente reorientar sua vida. A guerra havia despertado nele

o medo da bomba atômica que – segundo ele – pairava de agora em diante sobre a humanidade como uma ameaça permanente. Ele mesmo diz: "As guerras determinam o rumo de minha vida. Os húngaros me ofereceram uma cadeira de História da Medicina na Universidade de Budapeste, mas eu tinha a impressão de que não me daria bem no papel de comunista. Os americanos me convidaram para a Coreia, mas eu já tinha manejado muitos ossos nos lindos arredores de Florença. O Brasil, no mapa, se apresentava grande e verde. Depois de girar muitas vezes o globo do mapa-mundi, optei pelo Brasil".

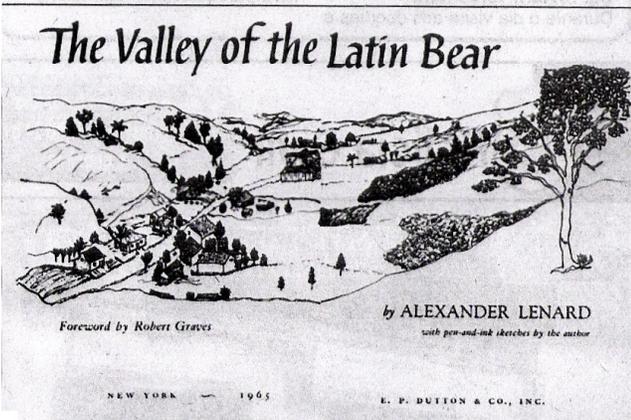
Veio para o Brasil com a família em 1952. Enquanto trabalhou como médico numa mina de chumbo no Paraná, lecionou latim, inglês e matemática às crianças dos engenheiros franceses que ali se encontravam. Para interessar seus alunos no estudo do latim, verteu para esta língua um clássico da literatura infantil inglesa: Winnie the Pooh, de A. A. Milne. Completou e aperfeiçoou esta tradução em São Paulo e em 1958 publicou a suas custas o livrinho em latim, com o título Winnie-Ille-Pu. Tendo os poucos exemplares em circulação despertado o interesse das casas editoras europeias, a obra foi sucessivamente publicada na Suécia, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha. Surpreendentemente, o livrinho tornou-se o primeiro (e talvez o único) best-seller em língua latina com 100 mil exemplares vendidos somente nos Estados Unidos. A maioria dos seus livros não tem tradução em português, entre os quais Die Kuh auf dem Bast (A Vaca no Pasto), Stuttgart, 1963, que é uma colorida coletânea de histórias pitorescas que tem como pano de fundo personagens reais, porém com pseudônimos, e cenários do Vale de Dona Emma.

De todas as suas obras, contemplou o mundo com uma séria advertência no trecho antológico de seu livro The Valley of the Latin Bear: "Eu vi a guerra chegar e resolvi fugir para Roma. Na realidade, foi a

“Creio firmemente que neste vale de Dona Emma, brota e floresce a paz para sempre.” Alexander Lenard

terra que me jogou fora de meu mundo, que me arreu sem dinheiro, sem amigos num país cuja língua desconhecia. Aprendi com o sofrimento, e o mesmo tempo aprendi a conhecer Michelângelo Pirandello. Contemplei pela primeira vez o Coliseu e a imensa indiferença de meus contemporâneos. Todavia, sei uma coisa: os tiradores escravizam suas vítimas com correntes de papel. Não me inscrevi em nenhuma lista de registros de inquilinos; não levei meu passaporte encido a nenhum consulado e se comi pouco pão, fazia sem vales alimentares. Para não saber do horror da guerra, não li nada que tivesse sido impresso após a Revolução Francesa. Assim me tornei historiador da medicina e me abriguei e me escondi entre os muros das grandes bibliotecas de Roma; escrevi estudos sobre pesquisas dos médicos da Renascença e trabalhos da Antiguidade. Esta solução temporária tornou-se aos poucos um hábito e a fuga na música e na arte tornaram-se cada vez mais essenciais para mim.”

No entanto, tudo isto não era para ele o mais importante. “Importante para mim é somente a poesia lírica. Se esta não sobreviver, então terei vivido inutilmente”.



encosta do vale, no lado esquerdo da estrada em direção à Nova Esperança. Lá construiu uma casa simples de madeira. Em 1956, com o prêmio equivalente a dois mil dólares, que ganhou no programa “O Céu é o Limite”, construiu uma casa melhor.

Entre 1967 e 1968 lecionou, como professor visitante, latim e grego na Universidade de Charleston, Carolina do Sul, EUA.

Alexander Lenard teve algumas desventuras na vida. Quando se encontrava em Roma foi vítima da censura da Igreja. Outro incidente, se não fosse trágico, seria cômico. Aconteceu quando já residia em Dona Emma. Um jovem, de nome Erich Erdstein (sob este nome teria ele se apresentado), procedente do Uruguai e trabalhando para a polícia política em Curitiba, passava as férias nas cercanias de Dona Emma. Este agente que, segundo Lenard, era provavelmente assíduo leitor de

James Bond, o denunciou como sendo o carrasco nazista Martin Bormann. Uma força policial motorizada e armada com metralhadoras cercou sua casa de madrugada para prendê-lo ao amanhecer. Mas Lenard não se encontrava pois estava nos Estados Unidos lecionando. Sua casa foi invadida e vasculhada. A obra de Goethe em 9 volumes confirmava, segundo os policiais, que ele era alemão e um retrato de Bach foi confundido como sendo de Hitler. Tendo ainda os “investigadores” descoberto que ele era médico, foi identificado como sendo Mengele.

Ainda em vida, Lenard manifestou judicialmente o desejo de ser sepultado em Dona Emma, no terreno de sua propriedade, conforme mostra o documento extraído dos autos de pedidos de Declaração de Última Vontade, apresentado na Comarca de Ibirama poucos dias antes de seu falecimento.

No Vale Norte

À vida agitada e inquieta da grande cidade preferiu um lugar silencioso em meio a natureza para a continuidade, sem ser perturbado em suas pesquisas e dar sentido à vida. Foi então à procura de um lugar tranquilo onde pudesse, em paz, escrever, pintar e viver em contato

com a natureza. E a escolha recaiu sobre a localidade de Dona Emma. Em sua nova pátria, para onde se mudou em 1953, ele se tornou pouco notório.

Como para os demais imigrantes, para Lenard foi penoso o começo em Dona Emma. Com os poucos recursos de que dispunha comprou um pequeno sítio na



Casa em Dona Emma, onde residiu até a morte

Declaração de última vontade

Eu abaixo assinado, ALEXANDER LENARD, de nacionalidade indefinida, nascido na cidade de Budapest, Hungria, em data de 9 de março de 1910, escritor, casado com D^a Andrieta Lenard, brasileira naturalizada, professora, residentes e domiciliados nesta cidade de Blumenau, à Rua Coronel Vidal Ramos nº 340, porém, proprietário de um imóvel com benfeitorias, situado em Nova Esperança, Município de Dona Emma, Comarca de Ibirama, neste Estado, entretanto, tendo passado grande parte de meus últimos anos na referida localidade de Nova Esperança, por cuja terra tenho verdadeira admiração, é a razão pela qual venho expressar e declarar meu desejo de última vontade, qual seja o de vir a ser sepultado na referida propriedade, por ocasião de minha morte, para o que rogo à justiça deste país, faça cumprir este meu desejo, razão porque firmo esta declaração na presença de duas testemunhas, com a anuência de minha referida esposa, para todos os fins de cumprimento deste meu pedido e fins de direito.

Blumenau, 4 de abril de 1972.

Assina: Alexander Lenard
Ciente, de acordo: Andrietta Lenard
Testemunhas: Gertha Koenig e Natalie Klein